

A VIAGEM FANTÁSTICA DE REI SEBASTIÃO: DE ALCACER QUIBIR AO TERREIRO DE MINA

Taissa Tavernard de Luca¹

RESUMO: O presente trabalho propõe refletir sobre uma parcela do panteão da Mina do Pará, religião africana de maior relevância no Estado. Mais especialmente enfoca uma categoria de entidade denominada “senhores de toalha”. Trata-se de reis ou nobres europeus – em sua maioria portugueses - ligados a história colonial brasileira que foram divinizados e inseridos no bojo de uma religião negra. Dentre esses tantos personagens elege-se D. Sebastião - soberano lusitano que morreu lutando contra os mouros na batalha de Alcacer Quibir - na tentativa de mostrar como esse sujeito histórico migrou para o imaginário e se transformou em mito. Para tanto, recupera-se traços de sua história de vida, referências aos movimentos messiânicos que surgiram em torno da imagem do monarca e relatos etnográficos dos mineiros paraenses, analisando-os de forma estruturalista.

Palavras-Chaves: 1. Bricolage; 2. Mito; 3. Mitema; 4. Religião afro-brasileira; 5. Tambor de Mina.

ABSTRACT: The present work proposes a reflection on a portion of the pantheon of “Mina do Pará”, African religion of greater relevance in northern Brazil. This article briefly traces historical and religious of D. Sabastião (Portuguese king who died fighting the Moors in the battle of Alcacer Quibir), references to messianic movements that emerged around the image of the monarch” and ethnographic accounts of the miners in Para – analyzes under the structuralist model.

Keyword: 1. Myth; 2. Bricolage, 3. Tambor de Mina; 4. Afro-Brazilian religions.

¹ Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Professora Adjunta I do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Introdução

É necessário que se esclareça a visão que algumas pessoas possuem sobre as religiões afro-brasileiras, como uma forma de culto homogêneo. Falar em matriz africana é falar numa diversidade de nomenclaturas. Terreiros² de Candomblé³, Mina⁴, Umbanda⁵, Xangô⁶, Jurema⁷ povoam os centros urbanos brasileiros apresentando, ritmos, danças e deuses diferentes.

A religião que vamos abordar neste trabalho é especificamente a Mina, a mais antiga praticada na Amazônia. Tipo de culto de matriz africana que, vindo do antigo Daomé (atual Benim), se estabeleceu no Maranhão e de lá migrou para o Pará no período da economia gomífera.

O que mais interessa mencionar nos limites deste artigo sobre essa religião é que seu panteão é formado por diversas categorias de entidades (Voduns⁸, Caboclos⁹...) dentre as quais destacamos os Nobres Gentis Nagôs ou Senhores de Toalha.

Recebem o nome de Gentis ou Senhores de Toalha os donos do poder, representados pela nobreza européia, principalmente de países cristãos que de alguma forma possuem relação com o processo de expansão marítima e com a colonização do Brasil. Personagens hierarquicamente importantes, muitas vezes referidos como “os brancos”.

Entre eles destaca-se REI SEBASTIÃO, D. JOSÉ, D. MANUEL, D. LUÍS, D. JOÃO, MARQUÊS DE POMBAL e outros. Pessoas reais que cruzaram os limites da vida e passaram a ser adorados. Perceber todas essas peculiaridades enche-nos de questionamentos e leva-nos a refletir. O que leva um indivíduo, historicamente explorado, adorar seu civilizador? Será que a imagem construída sobre o deus possui alguma correspondência com os personagens históricos? Por que divinizar um ser humano? Será que existe uma versão única do mito construído sobre cada um desses personagens?

Infelizmente não poderemos responder a todas essas inquietações no espaço desta tão breve apresentação, mas temos hipóteses. A principal delas é a de que a prática de adorar reis, já realizada na África, teria sofrido um rearranjo. “Orixás”¹⁰ iorubanos foram, em vida, reis. Um exemplo é Xangô¹¹ que teria sido rei de Oyó.

² Lugar onde são realizadas a maioria das cerimônias afro-brasileiras, de cunho público ou privado.

³ Chama-se de “Candomblé” ao culto de Nação “Iorubá” cuja características principais são a adoração aos “Orixás” e o processo iniciático de 21 dias.

⁴ Ver referência abaixo.

⁵ Religião fundada no Brasil a partir de crenças e ritos oriundos do catolicismo, do espiritismo Kardecista e dos cultos de matiz africana.

⁶ Denominação dada ao culto “iorubá” no Recife.

⁷ Religião afro-indígena do nordeste que cultua os mestres e faz uso de uma bebida litúrgica de mesmo nome.

⁸ Nome dado às entidades “Jejes” que na hierarquia da “Mina” corresponde ao “orixá” “nagô”.

⁹ Entidade hierarquicamente inferior aos “voduns”, que representa o índio, o negro ou o mestiço em geral.

¹⁰ Orixás são entidades iorubanas que representam as forças da natureza.

¹¹ Orixá Iorubano, senhor dos raios e do trovão, sincretizado com o santo católico são Jerônimo.

Sérgio Ferretti lembra que os voduns também seguem o mesmo princípio. Ao falar da família de Davince, em seu livro *Querebetã de Zomadonu* (1985) ele afirma ser uma família real constituída por nobres, reis e príncipes. Entre os reis africanos que viraram entidades temos “Dadarro” que reinou entre 1600 –1620 e “Sepazim”, a filha do rei Houegbadjá que ficou no poder de 1645 a 1685 dentre outros. Uma vez separados do sistema político de origem, afastados no tempo e no espaço de seus próprios personagens reais, os negros fizeram rearranjos e instituíram símbolos europeus em suas práticas milenares.

Outra hipótese, que de certa forma ratifica a anterior, considera que o culto aos reis, principalmente àqueles participam direta ou indiretamente do processo colonial brasileiro, como uma forma de prestar reverência à ancestralidade, prática comum a todas as religiões de matriz africana. Todavia o ancestral divinizado aqui não é propriamente o familiar, mas o representante da nação. Esses chefes de Estado são em sua maioria portugueses membros de duas dinastias: Avis e Bragança. Da dinastia de Avis, recupera-se Rei Sebastião, “O Desejado”, o mais antigo a ser adorado e Dom Manuel “O Venturoso”. A dinastia de Bragança cede todos os seus Joãos¹² (“O Restaurador”, “O Magnânimo” e “O Clemente”), Dom José “O Reformador” e Dom Pedro. Alguns momentos históricos são enfatizados no processo de escolha desses reis. São eles: a luta em prol do cristianismo, a expansão marítima, a descoberta e ocupação do Brasil, a elevação a Reino Unido de Portugal e Algarve e sua posterior independência.

Importante seria analisar pausadamente a trajetória mítica de todos esses personagens, levantando o maior número possível de versões, analisando pausadamente cada uma delas, buscando sempre as estruturas. Todavia essa seria uma empreitada muito longa para desenvolver nos limites deste artigo. Sendo assim, trabalharemos com apenas um rei. Escolhemos o mais famoso: Rei Sebastião¹³. Nosso interesse é analisar as inúmeras narrativas sebastiânicas, construídas por diversos religiosos afro-brasileiros, à luz da teoria estruturalista de Claude Lévi-Strauss.

1. Notícias Históricas sobre Rei Sebastião

Falar sobre a história de Rei Sebastião é, sem dúvida, uma atividade trabalhosa devido à vasta bibliografia que se debruça sobre a vida desse rei cristão. Desde a sua morte, no século XVI, até a atualidade, textos, oriundos da academia ou do cancionero popular, cruzaram fatos históricos com o imaginário maravilhoso em versões que ora se aproximam, ora se distanciavam do real (Hermann, 2003). Por vezes davam a rei Sebastião ares de herói ou o descreviam como um personagem fraco e doente, motivo pelo qual não teria despertado interesse de casamento. Há também aqueles que o classificam como um louco, desequilibrado, estourado.

¹² Acreditamos que o deus Dom João seja construído a partir de características de cada um dos personagens históricos cujos nomes são citados no texto.

¹³ As narrativas míticas sobre rei Sebastião são mais minuciosas e cheias de detalhes do que as de qualquer outro nobre.

Poderíamos rever essa historiografia sobre D. Sebastião, todavia só repetiríamos a trajetória já tão bem percorrida por Jacqueline Hermann em seu livro “No Reino do Desejado” (2003). Portanto, apenas nos basearemos nas suas narrativas com a finalidade de extrair dela episódios da vida do rei que por ventura possam nos ajudar na análise do material mítico dos mineiros¹⁴.

Dom Sebastião foi o décimo sexto rei de Portugal, nasceu em Lisboa em 20 de janeiro de 1554. Filho póstumo do príncipe D. João III e de Dona Joana, filha do Imperador Carlos V. Pertencente à dinastia de Avis, foi o único varão vivo de um conjunto de 10 filhos. Seu pai morreu quando ele ainda estava no ventre. Foi chamado de “O Desejado”, uma vez que seu nascimento teria sido profundamente esperado pelo povo português, temeroso em perder sua soberania para Castela, após a morte de D. João. Sob sua responsabilidade foi depositada a tarefa de retomar o ímpeto desbravador desta nação ibérica.

Por ser a esperança do reino português em garantir a nacionalidade, foi feito rei com 3 anos e sua regência foi disputada entre sua avó, Dona Catarina e seu Tio Avô o Cardeal Henrique, ligado a Companhia de Jesus, durante toda a sua infância. Acabou ficando com Dona Catarina, uma vez que a mesma forjara um testamento, supostamente deixado por D. João, concedendo-lhe a tutela do neto.

Em função disso, D. Catarina da Áustria, que era tia de Felipe II da Espanha, permaneceu na regência de 1557 à 1562 mas é preciso que se diga, de acordo com informações apresentadas também por Hermann (2003), que a influência de D. Catarina sobre o rei menino, foi vista com desconfiança por grande parte da corte portuguesa que a considerava uma legítima representante dos interesses Castelhanos junto ao trono Português. A bibliografia referida (Hermann, 2003) aponta uma forte divisão da nobreza entre aqueles que apoiavam D. Catarina e os que preferiam que a regência tivesse ficado a cargo do cardeal D. Henrique, que disputou com a tutora a influência sobre a educação de D. Sebastião, bem como a escolha de seus aios.

Como foi dito, por intermédio de D. Henrique, o rei foi educado. Além da influência jesuítica, D. Sebastião recebeu forte treinamento militar de D. Aleixo de Meneses. Aos 14 anos foi declarado maior e assumiu definitivamente o trono português. Fez-se um rei de características bélicas. Retomou as expedições para o norte da África que haviam sido abandonadas pelo seu pai e antecessor. Dividia o seu tempo entre a caça, o exercício religioso e a leitura, principalmente referente a história portuguesa.

Há autores que descreveram o rei como uma criança doente¹⁵. Aos onze anos contraíra uma doença crônica que nenhum médico do reino português conseguiu identificar, mas que logo fora atribuído às condições de frio intenso a que era submetido durante os treinamentos de caça e militares, recheados com violentas atividades esportivas para fins de guerra. Os sintomas

¹⁴ Neste artigo usaremos o termo mineiro para nos referirmos aos praticantes da religião de Mina.

¹⁵ Ver levantamento bibliográfico realizado por Jacqueline Hermann (2003).

eram purgação, febres e eventuais desmaios. Doença que foi apontada por vários historiadores como responsável pelo fracasso das diversas tentativas de negociação de matrimônio.

Outro motivo suscitado em explicação para esse fato seria a moral ilibada introjetada pelos jesuítas no jovem rei que o fazia exaltar o ideal de castidade ascética. Consta que ele fugia do amor por achá-lo um sentimento efeminado, mas como a corte insistia, tentou por duas vezes estabelecer contrato de casamento.

Pela primeira vez negociou casamento com Margarida de Valois, irmã de Carlos IX. A Espanha opôs-se e lhe ofereceu por conjugue, Isabel I. Todavia, como acontecera uma mudança política, os reis da Espanha desfizeram o contrato dando-a em casamento para Carlos IX.

A segunda vez aconteceu quando Rei Sebastião almejava conquistar apoio para dar início à última cruzada, voltou a procurar Carlos IX propondo que se ele o apoiasse a luta contra os turcos, aceitaria Margarida de Valois como esposa, abriria mão do dote. Sua proposta foi recusada, pois Margarida já era noiva de Henrique de Navarra. Tudo indica que era um rei de hábitos estranhos, durante as viagens que fazia pelas províncias mandava abrir o túmulo de seus antepassados e extasiava-se diante daqueles que haviam sido guerreiros.

Decidiu organizar a última cruzada quando soube da vitória de Dom João da Áustria na Batalha de Lepanto o que lhe causou muito reconhecimento entre os reinos cristãos. Pretendeu lutar na Índia. Propôs ajuda a Carlos IX na sangrenta luta contra os huguenotes que resultou no massacre de São Bartolomeu. Pensou em organizar uma expedição para o oriente, mas foi dissuadido em virtude de uma tempestade que caíra sobre o Tejo. Finalmente partiu para África as escondidas em agosto de 1574, chegou a desaparecer o que deixou o reino em pânico. Logo surgiu uma carta régia conferindo a regência do trono ao Cardeal D. Henrique. As pessoas mais autorizadas lhe enviaram súplicas para que retornasse o que aconteceu. D. Sebastião voltou, pois não encontrou ocasião de batalha nem em Ceuta, nem em Tanger.

Uma vez em Portugal procurou negociar com Felipe II aliança contra o Marrocos, porém este soberano Espanhol não pensava, a princípio, em fazer uma cruzada. Foi convencido pelo argumento de recuperação de territórios perdidos.

O Bispo de Algarve fez o rei esperar o melhor momento para o empreendimento; um possível conflito político no Marrocos. D. Sebastião reuniu um numeroso e problemático exército. Recrutou 9.000 soldados mercenários - que não possuíam comprometimento com a nação - e um vasto corpo de nobres voluntários indisciplinados. Entregou o comando a D. Diogo de Sousa que, segundo a historiografia, foi completamente desvairado. A fim de arrumar dinheiro para a expedição, massacrou o povo com impostos. Levantou grandes levas de dinheiro no exterior, providenciou a espada de D. Afonso Henrique e uma coroa de ouro a ser colocada na cabeça quando se declarasse imperador do Marrocos e partiu, em 25 de junho, com uma armada de 800 velas e um exército de 18.000 homens. Na África executou táticas de guerra erradas. Para tomar Larache, um porto de mar, desembarcou em Tanger a 17 de julho e

seguiu por terra passando por Alcácer Quibir. Ao chegarem em Alcácer Quibir os soldados já estavam completamente fadigados e os suprimentos de água e comida reduzidos. Na batalha desastrosa de 4 de agosto, mais da metade do exército já tinha debandado. Acompanhou-se apenas de uma porção de fidalgos que foram massacrados pelos marroquinos. Foi morto, mas seu corpo nunca fora confirmado. Como não deixara descendentes, sua morte deu início a um período difícil para seu país, um verdadeiro rito de passagem, por isso permaneceu tão marcado na memória coletiva deste povo. Sem rei, o país passou a ser governado pela Espanha, dando início a um período que a historiografia denominou de “União Ibérica”.

2. Da Vida ao Mito: Notícias sobre o Sebastianismo em Portugal e no Brasil

Subjugado, o povo português nunca se conformou e passou a resignificar o episódio da morte do rei cristão. É Lucetti Valensi (1992) que nos mostra como o episódio da morte do rei foi resignificado. Essa é, então, a porta de passagem do homem histórico ao personagem mítico. Muito se falou, se previu, se duvidou do episódio da batalha e as notícias verídicas se entrelaçaram ao imaginário, passando a ser descrito como um episódio extraordinário.

O fantástico prevaleceu ao longo das narrativas uma vez que os fatos feriam, humilhavam o brio da nação. Questionava-se a vitória dos marroquinos, afirmava-se que ela era efêmera, pois o rei ainda estava vivo e voltaria a aparecer para tirar seu povo do julgo espanhol e exterminar os infiéis.

Pessoas começaram a ter visões envolvendo Alcácer Quibir, visões estas que ora anunciavam a tragédia, ora tornavam a história mais tolerável. Santa Tereza D' Ávila, conhecida pelos inúmeros êxtases religiosos, teria recebido de seu esposo Jesus Cristo a revelação sobre o destino dos combatentes. De acordo com Valensi: “Se representou o campo de batalha onde humilhada a fé católica, triunfava a impiedade africana. E como se queixasse amorosamente a seu divino esposo de permitir que os inimigos de seu nome prevalessem contra os professores do evangelho” (1992).

O cardeal Henrique, em seu quarto, no convento real de Alcobaça, no momento em que rezava pelo sucesso do exército português viu o rosto do bispo de Coimbra banhado em sangue. Outra visão conta que no momento da morte, São Sebastião teria limpado o sangue dos portugueses, estabelecendo assim as primeiras analogias entre este santo e o rei.

A abadessa do mosteiro de Cós em Portugal teve a visão do campo coberto de corpos ensanguentados e ao olhar para o céu uma multidão incontável de pessoas vestidas de branco com palmas nas mãos repetindo: “*Bem aventurados aqueles que morrem no Senhor*”. Compreendeu então que tudo estava perdido.

Falava-se de acontecimentos miraculosos, estátuas de São Sebastião que suavam e choravam nas igrejas. Especulava-se na história de vida do rei fatos que, por ventura pudessem

ter servido de premunição. Comentava-se que a mãe de Sebastião, ainda grávida, teria visto um esquadrão de mouros enfrentando os cristãos.

Luccetti Valensi, em seu livro “Fábulas da Memória” (1992), afirma que as visões anunciaram a derrota portuguesa mesmo antes das primeiras notícias chegarem. Muito foi falado sobre o assunto, portugueses buscavam explicações, diziam que os acontecimentos teriam vindo como castigo de Deus para expiação das culpas, uma referência clara ao episódio bíblico da destruição de Sodoma e Gomorra.

A Igreja tentou atenuar as perdas afirmando que todos os mortos do norte da África seriam salvos. A população chegou a se revoltar contra os Jesuítas por terem criado o rei, alimentando nele a religiosidade agressiva e o horror às mulheres. Esses teriam sido os dois principais motivos da tragédia portuguesa. O primeiro teria conduzido a morte pela fé e o segundo era culpado pela falta de herdeiros e conseqüente perda de autonomia.

Duvidava-se da identidade do corpo do rei que os mouros retornaram à pátria, uma vez que o mesmo estava muito deteriorado e incapaz de ser reconhecido. Os mouros sabiam que o corpo era de D. Sebastião, pois um membro do exército português o teria reconhecido. A corte portuguesa questionava este reconhecimento alegando primeiramente que o soldado talvez nem conhecesse seu rei e depois que fora induzido pela promessa de liberdade feita pelos marroquinos.

Os sobreviventes não falavam sobre o assunto, tratava-se de uma memória recusada, esquecida pois humilhava a pátria e causava sentimento de responsabilidade pela derrota. Ainda incrédulo o povo português chorou sua sorte em funerais públicos – de corpo ausente – feitos após a batalha, antes do corpo ser apresentado. O Cardeal Miguel dos Santos, confessor de Sebastião acreditava que ele voltaria e apareceria num desses funerais.

O fato é que as notícias se espalharam, cruzaram as fronteiras. Cada nação tinha um relato diferente. Portugal defendia a não morte e anunciava o retorno. A versão espanhola era rica em detalhes sobre o assassinato e ao fazerem o destronavam simbolicamente, à medida que afirmavam que ele fenecera como um indigente não reconhecido no meio dos soldados. Os turcos, por sua vez, exaltavam a vitória e enfatizavam a derrota do cristianismo.

Como é possível perceber, o sebastianismo, fenômeno de espera ao retorno do rei, teve início logo após o incidente de 4 de agosto¹⁶. A Imagem de Sebastião foi associada a de Moisés, personagem bíblico que retornou para libertar os hebreus do cativeiro egípcio. Alguns se baseavam nas profecias de Daniel que pregava a vinda de um reino que quebraria e aniquilaria todos os outros reinos e existiria eternamente. Certas profecias faziam analogia com a imagem de Jesus Cristo, pois o nascimento de Sebastião também teria sido anunciado não por um anjo, mas por um cometa¹⁷.

¹⁶ Data da batalha de Alcácer Quibir e da conseqüente morte de rei Sebastião.

¹⁷ Ver Valensi, 1992.

Esperar o rei era uma forma de resistir aos acontecimentos presentes. Os portugueses chegavam a contar a idade que o rei teria no momento do retorno. Criavam um mito para evitar a orfandade. Os sebastianistas usavam a metáfora do mar. Enquanto o rei estava desaparecido o país estava à deriva, o naufrágio seria evitado com seu retorno. No ano de 1813 apareceu um homem de 28 anos afirmando ser a encarnação de Sebastião, enviada por Deus.

Havia momentos em que as crenças messiânicas se fortaleciam. Dois dos mais importantes são a União Ibérica e a invasão francesa pelas tropas de Napoleão Bonaparte. O povo associou Bonaparte à besta do apocalipse a que rei Sebastião viria destruir.

Trovas circulavam, uma iconografia rejuvenescida foi impressa e espalhada no meio popular, a literatura portuguesa versava sobre o assunto. Dois painéis foram inaugurados nos séc. XVII e XVIII contendo as razões pelas quais deve-se acreditar ou não no retorno do Rei.

Até no cancionero popular havia referência. Entre os poetas cuja obra ganhara visibilidade no período medieval, não resta dúvida de que o mais famoso é o sapateiro Bandarra.

Gonçalo Anes de Bandarra, segundo Hermann (2003), nasceu na cidade de Trancoso, região da Beira, ponto de passagem entre o norte e o sul do país onde havia forte concentração de Cristãos-Novos. Homem do povo, o poeta popular era descendente de Judeus, expulsos do território espanhol pelos reis católicos de Aragão e Castela no ano de 1492 e absorvidos pelo reino português durante o reinado de D. João II (Saraiva, 2001).

Conhecedor profundo da doutrina judaica, ele utilizou esse conhecimento nas trovas escritas e por esse motivo foi denunciado e preso em 18 de fevereiro de 1541. Este personagem nada teria de diferente dos tantos outros trovadores desse período se não houvesse, no material produzido por ele, um forte apelo profético que anunciava a existência de D. Sebastião bem antes de seu nascimento.

Bandarra descreveu o episódio do norte da África, o ímpeto guerreiro daquele que ele chamava de sucessor de D. João III, suas características expansionistas, o seu apego ao cristianismo e o afã em destruir os “infiéis”:

*“Este tem Tal Nobreza
Qual nunca vi em rei
Este guarda bem a lei
Da justiça e da grandeza
Senhoreia a sua alteza
Todos os portos e viagens
Porque é rei de passagem
Do mar e sua riqueza”* (Bandarra, apud Hermann, 2003, p. 65)

Em outra trova, Bandarra faz ainda referência à D. João III, pai de D. Sebastião, que renunciara a disputa pelo território africano:

*“As chagas do redentor
E salvador
São as armas do nosso rei
Porque guarda bem a lei
E assim a grei
Do mui alto criador
Nenhum rei ou imperador
Nem grão senhor
Nunca teve tal sinal
Como este por leal
E das gentes guardador
Das armas e do pendão
E o guão
Foram dados por vitória
Daquele alto rei da glória
Por memória
A um santo rei barão
Sucedeu a el rei João
Em possessão
O calvário por bandeira
Levar-lo-á por cimeira
Ampliará por carreira
De toda terra de cão”* (Bandarra, apud Hermann, 2003, p. 69)

E preconizou o fim:

*“Pelo que mostra a figura
Haverão a sepultura
Da amargura
Como brutos animais
Que se o texto bem olhais
E declarais
Com fendas serão feridos
Todos mortos confundidos
Nos abismos infernais”* (Bandarra, apud Hermann, 2003, p. 69)

É clara a referência profética aos episódios que só aconteceram posteriormente. Talvez, por isso, as trovas de Bandarra ganharam tanta popularidade em Portugal principalmente nos momentos de crise da soberania nacional. O fato é que apesar de denunciado aos tribunais do Santo Ofício, acusado de conselheiro dos Judeus¹⁸, de promover adivinhação – prática duramente punida pelo tribunal – o sapateiro foi liberado dos autos de fé com a única pena de não mais divulgar, compor trovas ou ler as escrituras sagradas.

Valensi (1992) divulga muitos outros textos. Um deles descrevia inclusive as marcas corporais que este rei haveria de ter: “A mão direita menor que a esquerda, o braço esquerdo mais curvo que o direito, sem contar o sinal secreto que só seria revelado no devido momento” (Valensi, 243).

Outros documentos retornavam a idéia do rei desaparecido que conseguiu fugir da batalha e passou a peregrinar pelo mundo em penitência, só voltará quando alguma catástrofe grave se abater sobre Portugal. Conta que nesse momento o rei surgirá em cima de um cavalo, saído das ondas do mar.

Mas, a nosso ver, o texto profético mais importante e que melhor anuncia o processo de transformação desse personagem em entidade é aquele que afirma que rei Sebastião vive retirado numa ilha encoberta que não figura em nenhum mapa, impossível de se localizar. Lá ele viveria de maneira humilde, usando roupas maltrapilhas. Segundo relatos, sempre saía dessa encantaria para salvar os navios portugueses de naufrágios.

Valensi (1992) resgata inscrições do século XVIII que localizam esse lugar às proximidades da ilha da madeira, só visível em certas condições atmosféricas. Membros da Igreja portuguesa a chamavam de Ilha das Sete Cidades. Sua população seria cristã e viveria cercada de riquezas abundantes, de ouro e prata.

Um depoimento detalha:

A ilha tem um castelo munido de torre admirável, cercado de um jardim cheio de flores. Sete homens saem dele falando uma língua próxima ao português, mas difícil de entender. Estão vestidos como nazarenos, com uma longa barba. São de alta estatura. Interrogam os náufragos e os fazem penetrar numa cidade grande, embora pouco povoada, depois em um palácio que parece encantado. Ali se encontra o rei ou o governador, que os interroga sobre sua identidade e suas desventuras. Em seguida os conduz a uma sala onde figuram dois quadros: um representando um exército vencido pelo inimigo e o outro um exército vitorioso com abundância de cavalos. Os inimigos estão vestidos de mauritanos (...). O rei os acompanha por toda parte, cercado de três cavaleiros bem vestidos e dois leões (...), em momento algum a identidade do rei é revelada, sabe-se apenas que ele tem dois filhos de pronomes Afonso e Antônio (...) (Valensi, 1992, p. 184 a 186)

¹⁸ Os judeus procuravam Bandarra com frequência para saber o significado de suas trovas, que frequentemente faziam referências às escrituras sagradas desse povo.

Uma trova anuncia: “Terras no meio do mar/ que já foram descobertas/ mas para achar tão incertas/ que ninguém poderá achar/ Tornando-as a procurar/ que tesouro aqui encerra” (Valensi, 1992, p. 184).

A crença no sebastianismo migrou para os impérios coloniais portugueses. Têm-se notícias de sebastianismo na África, na ilha da Madeira e principalmente no Brasil. As primeiras referências ao monarca desaparecido estão nos autos dos tribunais da inquisição que se instalara em Recife no ano de 1591. No século XVII, mais precisamente no ano de 1634, os sermões de padre Antônio Viera professados na Bahia mencionavam Sebastião “o encoberto”.

Diversos movimentos messiânicos se formaram, seu nome figurava nos repentes nordestinos: “D. Sebastião já chegou/ e traz muito regimento/ acabando com o crime/ e fazendo casamentos” ou “Visita nos vem fazer/ nosso rei Sebastião / Coitado daquele pobre/ que vive na lei do cão” (Cunha, 1936, p. 172 e 207).

No início do século XIX (1816) o viajante Ferdinand Denis (Pereira de Queiróz, 1994) afirmou ter encontrado inúmeros relatos sebastiânicos em conversas com comerciantes de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Não se tratava de um grupo coeso e organizado, mas tinham em comum a crença de que Rei Sebastião voltaria carregado de riquezas a serem entregues aos fiéis. Chegavam a apostar na data do retorno (Queiroz, 1994).

Muitas manifestações coletivas se formaram ao longo de todo o Brasil (Pereira de Queiróz, 1994) especialmente no sertão do nordeste. Grupos de pessoas, geralmente miseráveis que conheciam a lenda do rei e apegavam-se a ela em suas aspirações para mudança de vida. O primeiro desses grupos de que se tem notícia teria se formado no ano de 1817 em Pernambuco: um líder messiânico profetizava que rei Sebastião e seus exércitos sairiam de dentro de uma pedra para resolver os problemas sociais da região, transformando pobres em ricos. Este líder e seus seguidores foram trucidados em 1820 (Queiroz, 1994).

Dezesseis anos mais tarde, na comarca de Flores, estado de Pernambuco, outro beato formou um movimento de conotações racistas. Pregava que rei Sebastião voltaria para transformar os negros em brancos e os velhos em novos. Para que isso acontecesse os interessados seriam sacrificados em cima de uma pedra sagrada para ressuscitarem renovados.

Em 1910, apareceu um novo pregador, desta vez num estado sulista: Santa Catarina. Segundo ele, o rei viria acompanhado das hostes celestes para auxiliar os fiéis na luta contra a república.

O caso messiânico mais famoso que já se teve notícia na história do Brasil é, justamente, o de Antônio Conselheiro, no arraial de Canudos. Nascido em 13 de março de 1830 numa vila simples do Ceará denominada Santo Antônio de Quexurambim, chamava-se, na verdade, Antônio Vicente Mendes Maciel. Trabalhava numa venda deixada de herança por seu pai a qual abandonou, a fim de vagar pelo mundo como professor primário. Traído, separou-

se da esposa, teve seus bens penhorados por motivo de dívida e se tornou beato. Percorreu vários Estados proferindo sermões e construindo igrejas. Congregou um número considerável de camponeses pobres, formou um povoado e passou a pregar contra o emergente sistema republicano. Por esse motivo foi atacado diversas vezes por tropas enviadas pelo governo provincial que jamais conseguiu vencê-lo. Em 1897 foi derrotado com o auxílio de reforço federal.

Segundo Euclides da Cunha (1936), Conselheiro teria invocado rei Sebastião em diversos de seus sermões afirmando que o desaparecido surgiria para restaurar a monarquia, conforme mostra o trecho abaixo:

Em verdade vos digo, quando as nações brigam com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prússia com a Prússia, das ondas do mar D. Sebastião sairá com todo seu exército. Desde o princípio do mundo se encantou com todo o seu exército e resistiu em guerra. E quando encantou-se afinçou a espada na pedra, ela foi até os copos e ele disse: Adeus mundo! Até mil e tantos, a dois mil não chegarás! Neste dia, quando sair com seus exércitos, tira todos no fio da espada deste papel da República. O fim desta guerra acabará na Santa casa de Roma e o sangue há de ir até a Junta Grossa (Cunha, 1936, p. 141).

3. Rei Sebastião: um Nobre da Mina Paraense

Além de sua longa viagem pelo imaginário brasileiro, cruzando Estados do sul – como Santa Catarina – e nordeste – como Pernambuco e Bahia – Rei Sebastião também visitou o norte do país, mais especificamente às casas de culto de uma religião de matriz africana denominada Mina.

Conforme afirma Michelle Perrot em seu texto “Imaginário social do Século XIX” (Perrot apud Le Goff, 1986, p. 94-107), o imaginário dos povos tem como fonte principal a religião, a ciência e a história. É na história que os “mineiros” vão buscar inspiração para falar sobre os senhores de toalha.

No entanto, antes de adentrarmos efetivamente nas narrativas que o povo-de-santo apresenta sobre rei Sebastião e na análise das mesmas à luz da teoria levi Straussiana, acreditamos ser útil refletir um pouco acerca do conceito de memória. Este que foi amplamente aplicado por ciências como a antropologia e a psicologia. Eclea Bosi, por exemplo, em seu livro “Memória e Sociedade” (1995) apresenta algumas versões diferentes sobre a discussão. Retomando Henri Bergson em seu livro “*Mateire at Mémoire*” (Bergson apud Bosi, 1995), no qual fala especificamente sobre a fenomenologia da lembrança, da percepção, com a imagem construída e mediada pelo corpo. Para este autor toda imagem percorre no cérebro, partindo de um esquema imagem - cérebro - ação. A percepção seria um intervalo entre a ação e as reações do organismo: um vazio que se povoa de imagens. O autor faz distinção entre percepção atual

e lembrança, entre perceber e lembrar. Lembrar é deixar vir a tona o que estava submerso e a percepção é a captação imediata. Mas existe uma íntima ligação entre a percepção e a lembrança porque é a percepção acumulada que vêm à tona e porque a lembrança interfere no processo atual de representação.

Resumindo: para Bergson, a percepção seria o espaço raso e a memória é a reserva crescente de lembranças que dispõe a totalidade adquirida. Distingue também entre duas memórias: a memória hábito - que consiste na repetição dos gestos e palavras, uma espécie de adestramento cultural - e a lembrança pura - que “traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido e irreversível da vida (...) a imagem lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida individualizada, ao passo que a memória hábito já se incorporou ao hábito do dia-a-dia” (Bosi, 1995, p. 49).

Todavia, o autor que nos interessa de fato, é um pupilo desgarrado de Bergson: Maurice Halbwachs. Apesar de ter sido seu aluno ele rompe com o mestre e vai buscar “abrigo” na Escola Sociológica Francesa. Em sua vasta bibliografia escreve “A Memória Coletiva” (1990). Ao contrário do antecessor, não está preocupado com o aspecto corporal da memória: sua ênfase é na análise social.

Como um bom adepto de Émile Durkheim, para Halbwachs a memória é, antes de tudo, um fato social. Como lembra Éclea Bosi: “o social altera a percepção, a consciência e a memória” (1995, p. 53). Também percebe-se claramente em sua obra o predomínio da memória social sobre a individual.

A lembrança não fica restrita à pessoa, está amarrada à memória do grupo. Existem sempre aspectos comuns, pontos de encontros: são os quadros sociais da memória. Outro aspecto interessante da teoria halbwacheana é a ausência de uma memória pura, congelada, pois lembrar não é de modo algum reviver: é reconstruir, é fazer escolhas, é esquecer, é selecionar, é emprestar detalhes das narrativas de terceiros. A memória é acima de tudo um fenômeno do presente, um olhar do presente sobre o passado. Nem o sonho, para este autor, estaria livre da influência da memória. É uma releitura e não uma revivência. O que se lembra é condicionado pelo interesse que o sujeito têm no momento da narrativa. Uma mesma história pode ser contada de forma diferente em diferentes fases da vida.

Michael Pollak (1989), falando sobre a obra de Halbwachs afirma que este autor, seguindo a abordagem de Durkheim, trata a memória como algo quase institucional. Não no sentido de dominação, nem como violência simbólica, mas como algo que reforça a coesão social. Não vê a memória como algo imposto, mas coletivo, que estimula a adesão afetiva do grupo, formando uma “comunidade afetiva”.

Em resumo, pensamos memória como uma construção feita a partir de uma seleção de pessoas, acontecimentos, atos e lugares, efetuada pelo indivíduo e reconhecida pelo grupo. Apesar de acreditarmos que o ato de rememorar é individual, cada qual rememora a partir de

suas experiências pessoais. Concordamos com Halbwachs (1990) quando diz que a memória é um fenômeno eminentemente coletivo. Em meio às nuances do próprio narrador existem pontos imutáveis comuns à memória do grupo. Elementos que podemos perfeitamente classificar como estruturais. A memória é coletiva, também porque depende de um estímulo externo para vir à tona. Entretanto, nosso entendimento de estímulo externo vai além do reconhecimento do grupo e perpassa a presença do investigador e seus questionamentos.

Os praticantes da Mina rememoram ao efetuarem ritos ensinados por seus antepassados, ao dançarem de forma marcial em homenagem à rei Sebastião e ao lerem os escritos dos historiadores. Rememoram e reinventam. A memória é contada a partir do presente, a história é construída por reminiscências herdadas, por apropriação do que é aceito pelo grupo, por leitura de trabalhos acadêmicos.

Mas porque falar em memória durante a confecção de um trabalho sobre mito? Ousamos abordar esse conceito, pois julgamos que os relatos sebastiânicos são construídos a partir de lembranças herdada pelos narradores.

São das histórias relatadas por seus antepassados, a experiência mediúnica e também os livros de história, que os religiosos afro-paraenses tiram elementos para a construção simbólica. Com eles constroem a imagem do deus que passa a ser adorado, resignificado cotidianamente e repassado de geração para geração. Há ainda a necessidade de se mencionar a importância de folguedos folclóricos que ritualizam episódios históricos como a luta de cristãos e mouros¹⁹ e das narrativas populares que afirmam a presença de moradas de Rei Sebastião – Rei Sabá – na região do Salgado paraense. Ou seja, as referências à epopéia portuguesa estão presentes em outras instâncias da vida dos paraenses.

A memória herdada é repassada há séculos e como o ato de rememorar implica basicamente em reler e não reviver, cada religioso sabe fazê-lo de forma muito peculiar. Trabalharemos com três narradores: O “historiador nativo” Pai Luís Tayandô, o radialista Serginho de Oxossi e a “simplesmente religiosa” Mãe Yolanda. Em comum, todos possuem a filiação religiosa; todos são mineiros, mas suas narrativas variam em cima de eixos estruturais. Diferenciam-se em muitos aspectos, sendo o mais importante deles o acesso à literatura histórica. Uma narrativa, a de Pai Tayandô, é mais rica e embebida de fato. Outra, a de pai Serginho, condensa o fato e os relatos mágicos. Mãe Yolanda, por sua vez, conta a história a partir de seu contato mediúnico com o rei. Apesar das variações elas são sujeitas a uma abordagem estruturalista. Relatemos os Mitos para posteriormente encontrarmos os invariantes.

¹⁹ A título de exemplo podemos citar a cavalhada, apresentada, todos os anos, no dia vinte e seis de dezembro, durante a Marujada de Bragança.

4. Narrativa de Pai Tayandô: “O Historiador Nativo”

“O rei Sebastião, não só na Mina, ele tem duas visões: uma visão mística e uma visão histórica. A História, todo mundo sabe, que Rei Sebastião foi um Rei de Portugal, muito novo. Assumiu muito novo o reino. E foi criado sob a tutela católica apostólica romana. Ele quis combater os sarracenos, os mouros no Marrocos. Começou a fazer uma campanha na Europa, França, Espanha para que arranjasse soldados, condições para ir para África, combater os sarracenos, os pagãos.

Nessa viagem, nessa caminhada dele, ele estava prometido, se eu não me engano, para a filha do rei da Espanha, mas ele disse: - Não, isso é uma loucura! Vai pra tua guerra particular, quando tu voltares a gente vê como é que vai ficar.

Ele partiu, foi pra lá com um bom exército e na batalha de Alcacer Quibir ele sucumbiu. Não encontraram o corpo. Quer dizer que quando ele desapareceu era um jovem, e é a partir deste momento que a parte mística conta que ele foi atingido por um feitiço feito pelos sarracenos que levou ele daquele local para uma zona tridimensional que nós chamamos de encantaria, que não tem tempo nem espaço. Nessa viagem de lá, ele ficou desorientado, não foi só ele, vieram alguns soldados com ele. O que conta a tradição da minha casa é que ele veio bater na Bahia. Lá ele procurou ver se era o reino dele, reino de *Portucales* e foi adentrando lá pelas terras da Bahia, foi entrando no sertão, então ele chega onde hoje é o Piauí. A tradição conta que lá ele quis criar o reino dele e se formou um portal lá que hoje é conhecido como Sete Cidade Encantadas. Atribuiu-se que ele quis se estabelecer lá com a corte dele, só que ficou difícil por que lá ficou muito visível. As pessoas chegavam lá e tinham facilidade de enxergar as entidades. Ficou um portal como se fosse uma vitrine. Claro que a gente sabe que aqueles monumentos que tem por lá tudinho, aquilo veio da pré-história, mas ele queria se estabelecer lá nas Sete Cidades.

Ele não achou bom e veio embora. Foi em vários lugares. Tem vários lugares aí no sertão que dizem que rei Sebastião passou. Até que ele chegou em São Luís do Maranhão, chegou na praia do Lençol. Lá ele se identificou com o local onde ele foi encantado, não com o local de origem dele, Portugal. A identidade com o local onde se encantou. Era um deserto no Marrocos, o lugar onde foi feita a batalha, era uma beira de deserto, tudo areia. E lá ele se identificou, as dunas, tudo aquilo. Ele achou por bem estabelecer-se lá. Ele achou que era um excelente lugar. Jamais ia fazer a casa dele sobre a terra, deixar algum portal na terra. Então ele levantou a beira da praia e lá em baixo da praia do Lençol ele construiu o seu castelo e lá formou a sua encantaria, uma cidade todinha ligada a rei Sebastião.

Conta-se também que houve alguns problemas lá e de lá ele veio fazer um porto seguro na ilha da Madre Deus, aí em São João de Pirabas, na pedra do rei Sabá. Já fomos fazer obrigações por lá. Lá ele deixou um monumento, como se fosse um guardião. Dizem que lá tem uma passagem que leva pelo fundo, leva até a praia do Lençol.

A tradição conta que rei Sebastião tem muitos filhos. Nós sabemos que é mentira, nenhum é filho de rei Sebastião. Jarina é filha de rei Sebastião, fulano é filho de rei Sebastião. Não tem nenhum filho. Tudo são filhos de criação, tudo é adotado. Uns passaram um tempo lá, como é o caso de Jarina, Mariana e Herundina também e outros ficaram, continuaram na encantaria de Rei Sebastião.

A encantaria de rei Sebastião é como se fosse um Estado onde têm várias cidades e várias vilas. É um complexo, aquela idéia de feudo. O central seria do rei Sebastião, onde estaria o castelo dele e ao redor as vilas, dadas a pessoas de sua inteira confiança pra governar certos setores, principalmente porque esses setores são vulneráveis aos olhos profanos. É muito fácil alguém entrar dentro da encantaria nesse local. Então ele deu aquela parte e alguém ficou tomando conta como sentinela. Essas pessoas serviam como Guardiões. Era muita gente conhecida por nós e muita gente desconhecida. Pessoas que se manifestam, pessoas que se manifestavam e não se manifestam mais e pessoas que nunca se manifestaram.

Das conhecidas por nós temos o Barão de Goré, que aqui nós chamamos de “Sebastiãozinho”, o Sebastião, nós temos a dona Aruaninha, que alguns chamam de Baruaninha. Ela é filha do Barão de Goré. Uma série de entidades que nunca vieram para cá.

Tem alguns padres, porque quando ele foi pra lá, ele levou um grupo porque a ideia dele é que ele ia vencer e implantar o cristianismo lá, no Marrocos. Ele levou uma corte, a às vezes as pessoas ficavam meio perturbadas com isso e preferem atribuir isso ao folclore. Algumas pessoas vêem como dúvida que existia. Existe na encantaria, artesãos, essas coisas todas. Acreditam que não podem. Porquê? Se ele foi encantado com toda sua corte, o cortejo dele também foi com ele.

Algumas pessoas são importantes como padres. Existe um padre que é da linha de rei Sebastião, chamado de Clóvis, talvez tenha até outra descendência porque não é tradição portuguesa esse nome Clóvis. Mas esse padre Clóvis já tem diversas vezes interferido, diversas vezes organizado o culto somente a rei Sebastião. Você sabe que o sebastianismo não é um privilégio brasileiro. É um privilégio português, tanto que em diversas partes do mundo se implantou isso (...).

Ficou tão forte o sebastianismo que veio implantar a questão de canudos e você sabe que lá a monarquia têm, tudo a ver. A volta do rei Sebastião veio implantar o messianismo nessas partes.

O Clóvis era da linha de frente porque ele tinha aquele fanatismo que antes dos sarracenos morrerem ele tinha que beijar a cruz. Aquela história que a gente diz hoje “fulano está entre a cruz e a espada”. Esse é um simbolismo que quer dizer: ou fulano se converte ou então morre. O camarada estava para morrer, então ele fazia questão de salvar aquela alma que aquela pessoa beijasse a cruz.

Isso precisa uma pesquisa muito grande! Eles viram uma muralha de areia, como se fosse assim um turbilhão de areia e quando chegou próximo dele eles viram que aquilo rodeou-os como se fosse um anel de areia. Depois desse anel se formar, lá dentro eles viram uma luz muito forte que cegaram eles.

Tudo isso na batalha. No momento em que houve aquela luz, tudinho, eles dormiram. Eles não sabem quanto tempo eles dormiram. Nós acreditamos que o culto deles se estabeleceu muito rápido e que os primeiros portugueses que chegaram aqui já traziam algumas informações, não nesse sentido de encantaria, mas no sentido de que ele voltaria para resgatar.

Isso se deu muito naquele período em que Portugal pertenceu a Espanha. Foram 40 anos, se eu não me engano. Ficou muito forte a restauração do reino português, de Portugal e a espera do rei Sebastião que podia fazer isso. É uma crença popular. Não era visto pelos altos, pela corte, pelos sábios, não tinha essa força. Mas a população, o povo tinha essa idéia tão forte que enraizou no Brasil e aqui teve uma força muito grande que deu ênfase para o culto de rei Sebastião.

Na minha idéia ele é o segundo grande vodunso. O primeiro é D. Luís porque D. Luís é o dono da ilha de São Luís. Então ele está em primeiro lugar, mas rei Sebastião é um vodunso muito cultuado porque ele faz parte do nagô gentil onde se cultuam não só os reis, mas príncipes e outras entidades que passaram para esse encante.

Bem, então ele se estabeleceu lá, algumas pessoas comentam que, devido ter um movimento muito grande ultimamente, na praia do Lençol, ele tinha mudado pra ilha da frente. Parece que quando ele teve aquele encontro com a pajelança aqui (...).

Bem a história é a seguinte: fisicamente não podemos dizer (como é o reino de rei Sebastião). Espiritualmente essa encantaria é uma réplica do palácio de Queluz. Isso foi uma conversa muito grande com Barão de Goré (...). Eu conversando com o Barão de Goré, disse para ele que estava fazendo um trabalho para cá pra casa sobre a espiritualidade e principalmente sobre rei Sebastião e ele me informou que o que tem lá na encantaria é uma réplica do palácio de Queluz (...).

A organização política e social de lá, continua com aquela situação da de Portugal. Há um rei que manda em tudo e os vassalos, dentre eles, os condecorados. Então o rei é o centro de tudo com a sua corte que é formada por aqueles que têm título. Os que têm título governam as cidades, os que são mais abaixo, governam aldeias. É mais ou menos assim, a cidade está mais ligada ao Castelo. Tem o palácio que é o centro, após o palácio tem as cidades, as vilas e as aldeias. Os condecorados são vários, tem conde, tem barão. O barão de Goré, o Conde de Arajipe. Dizem que ele chegou depois. Você sabe, rei Sebastião recebeu o rei da Turquia e a corte dele até que ele se estabelecesse na encantaria dele.

A encantaria de Rei Sebastião é como se fosse uma espécie de hospedagem para todos os nobres que se encantam. É o caso do rei da Turquia. Ele fugiu numa guerra em Jerusalém

juntamente com suas três filhas: Herundina, Jarina e Mariana. Cruzaram o estreito de Gibraltar. Além do estreito de Gibraltar eles iam fazer um bombordo para ir para as terras da Mauritânia. Só que eles nunca chegaram lá.

Eles entraram num caminho mais à frente e entraram numa zona tridimensional que nós chamamos de encantaria. Isso devia ser 1090 mais ou menos. Eles passaram pelo portal e dormiram, foram acordar no início de 1500. Eles entraram ali na foz do Amazonas. Se depararam com a pororoca fazendo aquela onda todinha e pararam a canoa num lugar onde acontecia uma festa (...). A ilha de Parintins, onde tinha o Boi –Bumbá. Foram recebidos por Caboclo Velho que recebe todo mundo na encantaria. Foi esta entidade que disse que eles não iam voltar mais. Eles tiveram um impacto muito grande. Depois eles tomaram conhecimento da condição, esses turcos largaram suas roupas e passaram por um processo de “ajuremamento”²⁰. Receberam nomes indígenas, renunciaram o nome de turco. É o caso do Tabajara e do Ubirajara que eram filhos do rei da Turquia (...). Muitos juremeiros pegaram as roupas e vestiram de turco e se “aturcoaram”²¹. Foi o Caboclo Velho que disse para eles dum homem que passou por lá, vestindo assim, assim... Eles foram atrás dele. Voltaram pelo Rio Amazonas e chegaram na encantaria do rei cristão. O turco se assustou, pois D. Sebastião se apresentou a ele armado com um enorme escudo e a cruz de Cristo bem grande, aqueles cavaleiros tudinho: – “Nós Caímos numa cilada”. Ele quis iniciar a guerras e ordenou: - “Não, acabou a guerra, aqui é uma encantaria”.

O rei da Turquia ficou hospedado por lá algum tempo, mas não se acostumou. Conversou com ele (com Rei Sebastião), deixou suas filhas lá com ele e foi montar sua própria encantaria na ilha de Algodão. Outro hóspede de rei Sebastião é rei Camutá de Holanda, que era corsário holandês. O navio dele afundou na costa do Maranhão, próximo a São Luís. Como não conseguiu formar sua própria encantaria, tornou-se um agregado.

Eu perguntei também porque rei Sebastião ficou entrosado nessa encantaria e se manifestando, porque ele não ficou só como rei mesmo, lá na encantaria sendo tratado pelos vassallos dele. Ele disse que tudo começou com três entidades ligadas a ele. Sebastiãozinho, Aruaninha e, me esqueço o nome da outra entidade. Elas entraram numa sala, lá na encantaria de rei Sebastião, entraram numa sala, quando abriram essa sala elas se transportaram para o mundo visível e quando eles observaram eles, estavam num salão de pajelança lá em São Luís do Maranhão. Ai eles perceberam que eles poderiam estar se comunicando fisicamente com a terra (...).

²⁰ Ou seja se transformaram em índios.

²¹ Transformaram-se em turcos.

Quando eles se manifestaram pela primeira vez eles cantaram:

Rei, rei, rei Sebastião
Rei, rei, rei Sebastião
Quem desencantar Lençol
Põe abaixo o Maranhão!

As pessoas correram e colocaram um toalha vermelha, uma pana na costa dele. Daí porque, até um certo tempo, rei Sebastião, quando se manifestava, colocava uma capa vermelha. Não sei se é o simbolismo da guerra. Pra mim o vermelho está muito ligado a imagem de São Sebastião que é muito confundido com o rei Sebastião.

O engraçado que rei Sebastião quando começou a se manifestar ele alterou a idade dele para que ele tivesse respeito de patriarca. Ele veio como aquele jovem que se encantou. Então ele veio como se fosse um patriarca. Ele é um patriarca, ele veio com uma idade avançada. Então você não vê rei Sebastião se manifestar em ninguém como jovem. Você o vê como um velho quebrado, já assim curvo, mostrando toda a antiguidade dele, principalmente a antiguidade que ele tem (...). Ele também vem como touro, a pessoa que recebe se manifesta como um touro, todinho.

Não é dizer que ele envelheceu na encantaria, porque as entidades podem vir como novo e como velho, porque a entidade não tem tempo nem espaço. Nós sabemos que ele se encantou bem jovem e que na corte dele tem entidades muito mais antigas, mas ele se tornou um vodunso tão importante que foi atribuído a categoria de Xapanã, até devido a ligação grande com São Sebastião. São Sebastião é contra a peste, a guerra, a fome, então ele ficou ligado à Xapanã.

Xapanã faz uma guerra muito grande, ele combate uma das piores pragas que existe no mundo que é a doença. (...) Ele conta pra gente que ele absorveu, ele sofreu isso, Xapanã é um vodum doente. A Família de Acossi, quase todinha, quando se manifesta, se manifesta deitado, cai no chão, é como se tivesse um ataque epilético (...). É a força de Acossi, é uma divindade, é um rei terrível, temido não pela sua riqueza mas pelo seu poder. Porque Xapanã é um rei pobre, é da família dos reis pobres, com grande poder espiritual, mas sem riqueza.

Ele ficou ligado a rei Sebastião e a São Sebastião, aquela situação toda de guerra, peste e fome, né? Ele ficou ligado. A família de Acossi, algumas pessoas festejam no dia de São Sebastião. Depois, quando houve a grande praga de hanseníase no Maranhão, aí foi colocada a ligação com Lázaro (...). (Pra Rei Sebastião), se dá as comidas de Xapanã, na frente. Frutas, principalmente de origem européia, algumas adaptadas como a maçã, uva, pêra, azeitona, vários tipos. Aqui em casa eu dou salada de bacalhau. Muita coisa ligada a peixe. Geralmente nós não damos carne vermelha (...). O Tabu dos filhos de rei Sebastião é a carne vermelha. Não

deveria comer carne vermelha mas, como é costume aqui no Brasil, come. Eu acredito, é uma suposição, porque houve muito sangue, muita morte na guerra (...). O Sacrifício é o galo, né? (...)"

5. Narrativa de Pai Serginho: O Radialista

“Rei Sebastião é um nobre nagô de categoria. Família dos gentis ou nobres gentis nagôs: o povo de toalha. Surgiram no começo do século XX na casa de Nagô que, posteriormente, foi fundada por duas negras: Joana e Josefa. Os nobres teriam se encantado nos acidentes geográficos, oceanos e compõem religiões de corte parecida com as cortes terrenas de onde vêm os reis, as rainhas, os príncipes, as princesas, os nobres. O chefe de todos os nobres seria D. Manuel, sincretizado com um Oxalá, chefe de todos eles. É encantado no fundo da praia de Calhau no Maranhão.

O segundo maior é rei Sebastião, encantado na praia do Lençol, atravessando o Boqueirão até o porto de Itaqui. Depois vem D. Luís o dono da ilha de São Luís, encantado na ponta da Areia. Rei Sebastião foi encantado na Batalha de Acer Quibir aos 24 anos, desapareceu em Batalha no norte da África e veio parar no Maranhão e ficou por lá com sua encantaria de onde ele desceu para o Pará, pelo Cururupu e aqui sua encantaria está na praia do Atalaia, em São João de Pirabas e em Marudá, na praia da Princesa que é da sua filha, Jarina. Rei Sebastião teve seu navio desaparecido nas águas durante a batalha de Alcer Quibir, veio parar no Maranhão e de lá é que veio para o Pará.

Ele foi introduzido por Verequete, vodum que traz esse povo branco, ele é o senhor que abre os caminhos. Tanto que quando se toca para esse povo de toalha, canta-se primeiro para Verequete que ele que abre as portas para que o povo de toalha entre.

O vodum maior da minha casa é Rei Sebastião, mas D. Miguel é que passou a frente por motivo particular, meu. Ele passou a reger a minha casa e meus fundamentos.

Essas entidades são forças, são energias, são vida. Elas são organizadas em famílias. D. Sebastião tem a família dele embora em vida ele não teve filhos, mas a família dele se construiu. Alguns têm a mulher e os filhos deles, outros não; têm a encantaria na qual vão se agregando encantados que vão pertencendo a encantaria deles.

No caso de rei Sebastião, quem se agregou foi a Princesa Flora, Barão de Goré, a própria Jarina se agregou com ele. A princesa Ina e muitos encantados foram se agregando a rei Sebastião e construindo a grande família dos Lençóis. Príncipe de Oueiras, às vezes vem na família de D. Luís, às vezes se agrega a Rei Sebastião. Barão de Goré é filho de D. Manuel, mas vem pela família de rei Sebastião. Tem Ricardinho, rei do Mar, nobre da família dos Lençóis que é encantado no Ribamar, Barão Anápoles, Família de Rei Sebastião. Duque Marquês de Pombal é um nobre português, vivo, participou do tráfico de escravos. Ele é agregado, hóspede

de Rei Sebastião. A Princesa Clara, família dos Lençóis, princesa Flora, Família dos Lençóis. Barão de Goré, seu nome é seu Raimundo Casemiro, também é da família dos Lençóis.

O povo Nagô Gentil usa taça enrolada num pano. Eles têm um porte nobre, dançam de chinela e toalha Richiliê. Ele não morreu, ele perdeu o corpo físico e se transformou. É o encanto, o encanto se dá via um portal. Abre-se um portal, não tem como saber onde é. Nós podemos ir à praia do Lençol, mas onde está o portal da encantaria? Ele cumpriu a missão dele e entrou nesse portal. Lá tinha alguém que o recebeu e o preparou. Muitos não aceitaram.

Rei Sebastião não aceitou a encantaria dele. Há muitas histórias verdadeiras. Uma delas conta que um navio, um navio de D. João, que vinha. Tava rufando o tambor, quando eles viram aquele navio alumiado no porto de Itaqui. Quando viram tava todo mundo pulando na água com encantado. Era boto, era marinheiro, era o próprio Rei Sebastião. Eles pularam n' água e fizeram a festa. Era tambor, bebiam o que tinham que beber, brincavam, trabalhavam. Dava aquele sinal. O navio ia embora.

Tem outra história. O pessoal conta que um navio aportou nas ilhargas de lá (São Luís), fizeram o que tinha que fazer. Quando chegou na hora de ir embora, subir a âncora e vir embora, puxa, puxa, puxa e nada. Já era de tardinha.

Aí mandaram um homem, um mergulhador descer e ver o que estava acontecendo. Quando ele viu, aquele homem sentado numa pedra com o pé em cima da âncora. Ele disse: “Eu sou rei Sebastião, dono dessa encantaria”. Mostrou o reinado dele, um túnel de ouro e aquele reinado todinho.

Eu lhe dou metade do meu reinado se você me desencantar. Você vai fazer o seguinte: meia noite você vai até o mais alto morro com uma vara afiada. Você enfia na minha cabeça até espirrar aquele sangue e você cruza a palma na minha cabeça.

O rapaz fez. O rapaz subiu para o navio, disse que não dava para enxergar o que era porque estava muito escuro, aconselhou que esperasse amanhecer para ver o que estava acontecendo. Ele queria era ganhar tempo. A noite ele foi pro lado da baía, trouxe aquela vara. Quando chegou 11h30, pegou o bosque e subiu no alto do morro. Ele não viu que um rapaz seguiu ele.

Quando ele chegou lá ele viu aquele touro negro se bufando com a cabeça para vir para cima dele, ele disse: - “Agora eu vou te desencantar”. Trouxe no bolso o sal que era para cruzar. Quando ele se preparou, o marinheiro que tinha seguido ele se agarra com ele e grita: - “Fulano, vamo embora daqui”. E rolaram morro abaixo. O touro gritou lá de cima: - “Desgraçado, tu redobrades o meu encanto”.

Sei contar que esse moço desapareceu. Isso é uma prova de que ele não aceitou a encantaria dele aos 24 anos e até hoje ele busca se desencantar. Se ele desencantar, tudo vai pro fundo. Ele não está satisfeito. Ele é um rei que pouco conversa, ele pouco bebe. Aqui na minha casa ele vem velho e cansado e quase não fala. Já teve tempo dele vir como jovem, alegre

e satisfeito e teve tempo dele vir como um touro e ninguém segura ele. Na casa de meu pai ele veio uma vez assim, numa filha-de-santo, e derrubou cinco tambores.

Não é todo mundo que passa pelo portal da encantaria. “Muitos são os chamados, poucos os escolhidos”. Eles nos estudam, os voduns, os orixás, estudam se nós temos competência para pertencer ao fundamento deles.

Foi a própria natureza de Deus que leva esse povo para a encantaria. Eles foram para a encantaria deles começar a fazer reflexão e começaram a ter a missão de amenizar o sofrimento dos filhos na terra. Pagar os pecados deles e construir uma nova vida. Os voduns transmitem coisas boas. Você não vê mais D. Sebastião dizendo que mata alguém. Ele vai se preocupar em te ensinar um banho para você arrumar emprego, te livrar de um mau, te indicar o caminho que você tem que seguir. Te ajudar a ter menos sofrimento na terra. Mas também ele te pune. Minha mãe dizia que os encantados orientavam a gente e também se reuniam para punir.

A bandeira dele é a Cruz: é com a cruz que ele dirige a encantaria dele, a família dele. A encantaria está organizada em família.

Tudo tem nas encantarias. Quando vamos rezar para os orixás, pedindo a orientação de meu pai Oxossi, meu senhor maior: – “Meu pai Oxossi dai-me luz a todo o meu povo!”. Todo o meu povo é tudo aquilo que está abaixo da hierarquia de Oxossi. Meus voduns, encantados, princesas, meus exus. Todo meu povo grande e pequeno.

Nessa encantaria existem os grandes e os pequenos. Cada qual com a sua missão. É que nem uma firma: o palácio do governo, do governador, tem os assessores, tem os faxineiros. Existe na encantaria os patrões e os empregados, agora no terreiro mistura tudo. Você chega numa casa e tem D. Miguel com caboclo bebendo. Os nobres tem que dançar de bengala, os caboclos respeitam os nobres. Mas as famílias de nobres agregam os caboclos. Eu acho que isso acontece pela solidão. Hoje em dia é raro o terreiro que separa hierarquia.

Eu festejo rei Sebastião no dia 20 de janeiro. Tem um sincretismo com Xapanã, ele tem uma afinidade de adorar aquele santo. O rei adora o vodum. Depois da importância dos Gents Nagôs, vem a família da Bandeira, depois a família de baianos e Surrupiras que já tão quase morrendo. É comum acontecer trocas: Dona Jarina é filha de João da Mata, mas foi criada por Rei Sebastião”.

6. Narrativa de Mãe Yolanda: Profissão Mãe-de-Santo

“Deus u livre. Pra mim embaixo de Deus só rei Sebastião. Há muito tempo ele vem em mim. Eu comecei, minha avó sempre fazendo remédio, ela não queria a missão porque eu era muito criança. Eu enxergava um rapaz que eu acho que era ele, rei Sebastião. Enxergava ele me chamando. Ele sempre se apresentava assim, era um homem alto, simpático e sempre com uma roupa caque. A calça comprida, uma roupa parecendo de soldado, tinha um cordão de

ouro muito bonito com um Cristo no peito. Dizem que ele era um guerreiro, lutou no país dos negros, lutou contra o diabo.

Com 14 anos não teve mais jeito. Eu não queria, não aceitava, eu não queria, não aceitava porque me metia medo. Depois que eu fui gostar, não teve jeito. Eu passei 23 anos pensando, até que eu vim pra cá. Meu pai-de-santo. Meu pai jogou e disse que quem se apresentou para mim era Xapanã. Ele foi a primeira entidade que se apresentou pra mim, ele fazia era me chamar. Ele é um vodum, um branco. Rei Sebastião é um vodum. Pra mim ele vem como vodum, numa idade bem avançada. O pessoal diz que rei Sebastião é um, Xapanã é outro. É? Ele é um vodum.

Segundo ele conta, ele que criou a madrinha Jarina, ele criou ela. Toya Jarina é filha dele de criação. Os dois moram lá na praia de Salinas, lá é a morada deles, na pedra, lá. Uns dizem que ela veio da Turquia, ela é irmã de dona Mariana, que ela foi criada na Turquia, mas quem pegou ela foi rei Sebastião. Para mim ela é índia, ela não é turca porque a mãe dela deixou ela, ela teve ela, a história que foi passada pra mim. A mãe dela quando teve ela não quis porque ela era filha de gente fina, os pais não quiseram, aí ela teve, ela deixou na beira do rio. Ai foi que pegaram ela.

Rei Sebastião criou ela, mas ela passou um tempo na Turquia. Ela passou um tempo lá, depois ela voltou. Tem também o touro. Meu pai falou que o touro é Xapanã. Ele é um rapaz, ele canta essa dota (doutrina). Ele vem em forma de touro, mas é um rapaz. Filho de Xapanã têm ela, a princesa Jarina que é filha de criação dele. Tem essa dota:

*“Olha o touro na banqueira
Na banqueira toreou
Olha o touro na banqueira
Na banqueira toreou”*

Ele é encantado na forma de touro. Ele vem na forma de touro. Ele não canta, a gente é que fica cantando pra ele. Quando ele arriava ele só procurava dar chifrada. Eu não sei se ele tem mulher, não me foi passado. Quando é rei Sebastião que arria ele canta, mas ele canta muito lento, muito lento mesmo. Ele fuma charuto e toma café amargo. Ele sempre vem na minha cabeça no dia 20 de janeiro, é muito difícil ele vir. Eu não faço corte (sacrifício) para rei Sebastião. Só comida seca (sem sangue) que é o milho branco, o arroz branco com mel e coco. Pelo que eu saiba ele teve vida, foi guerreiro, mas não vou te dizer que eu não sei, não me foi passado. Tem outras casas ai que tem rei Sebastião, pode te falar.

7. De Rei Sebastião à Lévi-Strauss: uma Análise Estrutural

Desenvolvendo uma teoria que desconstrói alguns autores anteriores que trabalharam a temática do mito, Lévi-Strauss afirma, em seu texto denominado “A Ciência do Concreto”, retirado do clássico “O Pensamento Selvagem” (1976b), que a “mentalidade primitiva” – o autor preferiu denominar de pensamento selvagem – não pode ser lida como situada em posição inferior dentro de uma escala evolutiva que teria por modelo a ciência moderna. É errado afirmar que o nativo é inapto a abstrações, como bem classifica Frazer no “O Ramo de Ouro” (1987).

Como um bom estruturalista que é, Lévi-Strauss considera o pensamento como uma categoria única e totalmente apta para a reflexão desinteressada, impulsionada exclusivamente pela necessidade inata que o ser humano tem de ordenar o mundo, de classificá-lo a partir da observação pura. Lévi-Strauss afirma que as coisas são boas para pensar (1976b) destruindo, assim, o argumento funcionalista de Malinowski (1984), segundo o qual o pensamento do “homem primitivo” se desenvolve a partir das necessidades vitais.

O autor francês acaba com a dicotomia *pensamento primitivo X pensamento civilizado*. Para ele essas são as duas formas de olhar o mundo que se fazem presentes em qualquer grupo humano, nas sociedades ágrafas ou com escrita. A diferença que existe entre elas é que o pensamento selvagem é, essencialmente, mítico enquanto o outro opera por conceitos.

Um dos avanços do “Pensamento Selvagem” (1976b) é considerar o mito como uma forma de linguagem tão importante quanto a ciência. Chega a afirmar que o processo mental que constrói o mito é o mesmo que podemos encontrar na base da ciência, uma vez que parte do mesmo pressuposto: a capacidade de ordenar, de sistematizar o universo que está no seu entorno. Este é o elemento estrutural fundante. Para Lévi-Strauss, seria incongruente falar em pluralidade de mentalidades. A variação está na manifestação dessas duas formas de pensamento. Neste sentido, o “pensamento selvagem” se apresenta como mito, uma forma de conhecimento paralelo à ciência, definido pelo termo *bricolage*. É o próprio antropólogo francês que define Bricolage como:

modus operandi da reflexão mito-poética. O *bricouler* é o que executa o trabalho usando meios expedientes que denunciam a ausência de um plano pré-concebido que se afastam dos processos e normas adotados pela técnica. Caracteriza-se especialmente pelo fato de operar com materiais fragmentários já elaborados, ao contrário, por exemplo, do engenheiro, que para dar execução ao seu trabalho necessita de matéria prima (1976b: 37)

Não temos dúvidas de que as narrativas anteriormente apresentadas foram construídas a partir dessa “técnica” ou falta de técnica. Nenhum dos religiosos abordados desenvolveram projetos para analisar cientificamente a trajetória de rei Sebastião, como o faria um historiador,

por exemplo. Não se preocupam com as balizas temporais ou tampouco selecionam uma documentação de arquivo. O material usado por nossos interlocutores está muito mais baseado em imagens e signos do que propriamente em conceitos. Também não há uma metodologia fechada: há o casamento harmônico entre o real e o fantástico, num processo antropofágico que assimila, que faz escolhas, construindo uma pluralidade de versões. Nossa proposta aqui não é analisar as minúcias das especificidades e, sim, buscar os aspectos invariantes porque, segundo o próprio Lévi-Strauss em seu livro “Mito e Significado” (1978), o mito varia dentro de um sistema fechado. Onde está a estrutura destas bricolages?

É justamente o método estrutural, definido em a “Noção de Estrutura em Etnologia” (1970), que Lévi-Strauss vai usar para analisar o mito, método este já aplicado a outros objetos de estudo como as relações de parentesco e a alimentação. Mas, o que é estrutura para Lévi-Strauss? A primeira coisa a ser destacada nesta definição é que não se trata de um sinônimo de relação social. Para o autor, a humanidade é uma unidade psíquica e, enquanto tal, possui formas semelhantes de organização que respeitam regras universais. A estrutura é esse modelo que rege a vida do homem, a forma como ele se organiza. É preciso que se afirme que a estrutura está no nível do inconsciente, cabe apenas ao antropólogo detectá-lo: o narrador não tem acesso a ela. Falar em estrutura é acima de tudo falar em sincronia, pois são regras imutáveis que se apresentam de forma variada nas relações sociais.

A análise levistraussiana do mito o desvincula da magia e da religião e o trata essencialmente como um fenômeno de linguagem. Influência total da linguística estrutural saussuriana. O mito, para ele, é parte integrante da língua e se faz conhecer pela palavra. Lévi-Strauss estabelece a relação entre *langue x parole*, informando que a *langue* pertence ao tempo estrutural reversível, cíclico, sincrônico enquanto a *parole* pertence ao tempo irreversível, estatístico, diacrônico.

Outro elemento importante em sua teoria é que ela contesta uma idéia muito antiga entre os folcloristas clássicos que opõe mito puro x mito deturpado. Para ele, qualquer forma de mito é válida uma vez que a sua essência não está na narração, mas na sintaxe, na sua regra geral. Não procura os significados particulares, isolados, baseia sua análise naquilo que o mito tem de universal. Compara-o a música. Uma vez que ambos são formados por unidades constitutivas.

A Linguagem compõe-se de três níveis: os fonemas – menor parcela da linguística, vazia de significados; morfemas - unidade que modifica o significado de uma palavra; e semantemas – a relação dos significados: uma frase. Apenas os morfemas e semantemas possuem significado.

A música, segundo Lévi-Strauss (1970; 1978) também possui unidades constitutivas. É formada por dois níveis, quais sejam: a nota e a frase melódica. A nota equivaleria ao fonema isolado que não possui sentido, enquanto a frase melódica equivaleria, em análise muito simplificada, à frase gramatical.

No mito, por sua vez, não há um nível equivalente ao fonema uma vez que absolutamente tudo, dentro desta construção, significa. Sua menor unidade constitutiva é o mitema e possui, portanto, significado. Todo mito possui os mitemas, que são os feixes de relações invariantes, presentes em todas as narrativas de mesma natureza e conteúdo (Lévi-Strauss, 1978) ou fenômeno observável. O mitema é o elemento estrutural do mito e o conteúdo é a forma como a estrutura se apresenta, a exemplo das três narrativas acima expostas.

O antropólogo francês aqui trabalhado ainda alerta que é preciso saber ler o mito. Ele não pode ser percorrido da mesma forma que um romance, um artigo de jornal, um texto científico, uma linha depois da outra da direita para a esquerda. Quem o lê deve buscar os elementos permanentes que não necessariamente estão dispostos na ordem crescente do agrupamento dos números 1, 2,3, 4...

Além da leitura diacrônica que equivale à sequência narrativa e está no nível das linhas, existe a estrutura sincrônica. Para encontrá-la, é preciso que se tenha mais de uma versão narrativa. Compara-se as variações separando os mitemas em coluna. Em cada coluna existe um tipo de relação comum a todas as versões. Foi o que ele fez com o mito de Édipo. É o que nós faremos agora, partindo dos relatos sebastiânicos.

Apesar da aparente pobreza simbólica da versão narrativa apresentada por mãe Yolanda, se olharmos com um pouco mais de precisão, perceberemos que todos os elementos universais que se fazem presente nas versões de pai Tayandô e pai Serginho de Oxossi são mencionado por ela, talvez de forma mais velada. Tentaremos afastar os pormenores que “maqueiam” as estruturas destacando, a partir de agora, os mitemas.

1º Mitema: Referência a História

Pai Tayandô: Toda a sua narrativa é costurada por fatos históricos. Eles se referem, entre outras coisas, ao episódio da batalha, à articulação de casamento com a filha do rei da Espanha, à construção do arraial de Canudos, dentre outros.

Pai Serginho: A referência à história se faz mais discreta nesta versão. Aponta a morte do rei na batalha que o religioso denominou de Alcer Quibir e na citação, logo no início do texto, à fundação da casa de Nagô por duas negras chamadas de Joana e Josefa.

Mãe Yolanda: Mãe Yolanda anuncia a história quando afirma que rei Sebastião teve vida e quando relata: - “Dizem que ele era um guerreiro”.

2º Mitema: Viagem Expansionista

Pai Tayandô: Esse mitema se faz presente na descrição sobre os domínios do rei Sebastião na encantaria. Foi ao Piauí, Bahia, construiu sua encantaria em São Luís e de lá veio

para Pirabas, onde deixou um guardião. Para Tayandô, o império português dominava as áreas de encantaria e as distribuía entre seus vassalos.

Pai Serginho: Também se refere aos domínios encantados do rei, que para ele seriam as praias do Atalaia, São João de Pirabas e o lago da princesa em Marudá.

Mãe Yolanda: O caráter expansionista de rei Sebastião nesta narrativa está presente, de forma discreta, quando mãe Yolanda nos informa que têm outras casas de culto que recebem o nobre. Trata-se de um expansionismo da entidade que conquistou “várias cabeças”.

3º Mitema: Referência à Geografia

Pai Tayandô: Apresenta vários acidentes geográficos em sua construção mitológica como, por exemplo, o norte da África, o estreito de Gibraltar, o rio Amazonas, dentre outros.

Pai Serginho: Para ele os nobres teriam se encantado em acidentes geográficos como os oceanos.

Mãe Yolanda: Refere-se ao fato de Toya Jarina ter sido deixada na beira de um rio.

4º Mitema: Inversão

Pai Tayandô: Presente nas narrativas sobre o possível desencante de rei Sebastião. Cita a doutrina cuja letra profetiza: “Rei, rei, rei Sebastião/ Quem desencantar Lençol/ Põe abaixo o Maranhão”.

Pai Serginho: Mesma referência, ao contar o mito do pedido de desencante, anuncia que se o rapaz conseguisse o feito, tudo ia para o fundo.

Mãe Yolanda: A inversão presente no texto de mãe Yolanda é social e étnica: Toya Jarina é “uma filha de gente fina”, criada por um rei, mas se apresenta como índia.

5º Mitema: Referência ao Cristianismo

Pai Tayandô: Ao narrar a batalha do norte da África afirma que a ideia de rei Sebastião era vencer os infiéis e implantar o Cristianismo.

Pai Serginho: Menciona que a bandeira do rei é a Cruz.

Mãe Yolanda: Referência se faz presente quando ela descreve o visual de rei Sebastião e aponta que ele usa o cordão de ouro com um Cristo, lembrando ainda que o mesmo teria lutado contra o diabo.

6º Mitema: Organização Política

Pai Tayandô: Observamos esse mitema no trecho, já citado anteriormente, no qual o referido sacerdote menciona que a organização política e social da encantaria respeita o modelo português. Faz referência, também, ao feudalismo.

Pai Serginho: Para pai Serginho a organização política respeita a seguinte ordem. “O chefe de todos os nobres seria D. Manuel (...), o segundo maior seria rei Sebastião (...), depois vem D. Luís”.

Mãe Yolanda: Traça uma organização política das entidades na qual o vodum e o nobre rei Sebastião são equivalentes, por vezes confundindo a identidade dos mesmos ao longo da narrativa. E diz: “Embaixo de Deus, pra mim, só rei Sebastião”.

7º Mitema: Separação entre a Divindade e o Homem

Pai Tayandô: A separação entre essas duas instâncias se faz via presença de um sentinela, que rei Sebastião autorizou a proteger a vulnerabilidade da encantaria.

Pai Serginho: O religioso narra que o processo de escolha daqueles que são ou não dignos de passarem pelo encante. Pai Serginho chega a afirmar que qualquer pessoa pode visitar a praia do Lençol, o que não quer dizer que vá encontrar o portal de acesso.

Mãe Yolanda: Está expressa no medo que a religiosa sentiu quando se deparou pela primeira vez com a figura daquele rei, via o processo mediúnico.

8º Mitema: Referência a Fenômeno Extraordinário

Toda a narrativa é repleta de fenômenos extraordinários, todavia, destacaremos apenas um: o processo de encante. Ou seja, a passagem para o sobrenatural sem a experiência da morte que se faz presente em todas as versões.

9º Mitema: Rito de Passagem

Pai Tayandô: Está na narrativa sobre o encante de rei Sebastião, passagem do monarca do mundo dos vivos para o sobrenatural. O período liminar seria o sono. A própria condição de encantado é liminar, haja vista que trata-se de uma categoria entre o natural e sobrenatural

Pai Serginho: Mesma referência feita ao encante, sendo que o momento liminar, neste caso, seria o instante da não aceitação desta nova condição e as inúmeras tentativas de desencante.

Mãe Yolanda: Neste relato, quem é submetida ao rito de passagem é a própria narradora. Ele pode ser detectado logo no início do texto, na alusão feita às primeiras manifestações do êxtase. O sofrimento marca essa passagem.

10º Mitema: Hierarquia

Pai Tayandô: A hierarquia está, de forma detalhada, na descrição da encantaria de rei Sebastião, uma vez que trata-se de um Estado cujo poder central pertence ao monarca que, por sua vez, confere títulos de nobreza e distribui vilas para seus vassalos. Podemos perceber também a hierarquia estabelecida entre o Nobre D. Sebastião e o Vodum Xapanã, uma vez que se estabelece entre eles a relação de adoração.

Pai Serginho: Em vários momentos do texto pai Serginho se refere à hierarquia, alguns deles já mencionados anteriormente. Gostaríamos de destacar um momento especial, quando em oração ao seu orixá Oxossi, pede proteção para todo seu povo que, para ele, “é aquilo que está abaixo da hierarquia de Oxossi”.

Mãe Yolanda: Afirmativa: “Abaixo de Deus, só rei Sebastião”.

11º Mitema: Simbolismo de Realeza

Nas duas primeiras narrativas esse simbolismo é muito mais minuciosamente trabalhado com descrições do reino e dos impérios coloniais. Mãe Yolanda não se refere a nada disso, todavia, há um elemento que indica a realeza de Sebastião, que é o próprio substantivo rei que se faz presente em todas as versões do mito.

12º Mitema: Construção de uma Sociedade Inclusiva

Pai Tayandô: Descreve a encantaria de rei Sebastião como uma espécie de hospedagem que recebe todos os nobres logo após o encante. Refere-se também ao fato de que a sua família como repleta de filhos adotivos.

Pai Serginho: Enumera diversos encantados de outras famílias que se agregaram ao que ele denominou de “encantaria dos Lençóis”.

Mãe Yolanda: Refere-se apenas a uma filha adotiva do monarca: Toya Jarina.

13º Mitema: Noção de Pessoa Ambígua

Pai Tayandô: Faz clara referência a esse mitema no momento em que afirma que os turcos se ajuremaram e os juremeiros se aturcoaram, e quando se trata da idade do rei que morreu novo e se apresenta como velho.

Pai Serginho: A ambiguidade se faz presente na categorização das entidades que são de uma família, mas se manifestam em outra e também na referência a idade do rei.

Mãe Yolanda: Citaremos o mesmo exemplo dado para o mitema inversão. Toya Jarina, na narrativa de mãe Yolanda, lembra muito Macunaíma - personagem criado por Mário de Andrade - uma vez que é filha de “gente nobre”, criada por um rei português, teve passagem pela Turquia mas, no fundo, é índia. Jarina é o retrato da mestiçagem.

14º Mitema: Conflito

Pai Tayandô: O conflito aparece na narrativa da luta contra os sarracenos no Marrocos, numa clara alusão histórica ao episódio de Alcacer Quibir no norte da África. Depois, ele retoma essa temática ao falar do rei da Turquia que voltou a tentar guerrear com o cristianismo na encantaria.

Pai Serginho: O conflito de identidade do rei que não aceita sua nova condição de encantado.

Mãe Yolanda: O conflito aparece em duas instâncias da narrativa de mãe Yolanda. A primeira delas diz respeito ao conflito pessoal e familiar ao qual ela foi submetida no momento do aparecimento do transe. Nem ela, nem sua avó o aceitava. A segunda referência a esse elemento se faz presente no mito construído, segundo o qual o rei Sebastião lutou contra o diabo.

15º Mitema: Sincretismo

Pai Tayandô: Na narrativa de pai Tayandô aparece tanto o sincretismo afro-católico, referido em várias instâncias do texto - a exemplo do momento em que o religioso explica a toalha vermelha usada nas costas de rei Sebastião como uma analogia simbólica com o santo homônimo, quanto o afro-afro que relaciona o monarca ao vodum Xapanã, da família de Acossi. E esta relação entre personagens se desdobra nos rituais, nas oferendas, haja vista que uma das comidas servidas ao rei é a oferenda do vodum.

Pai Serginho: Pai Serginho, em vários momentos, faz referência à analogia entre santo, nobre e entidade afro-brasileira. No final de seu discurso afirma que a festa de Rei Sebastião é

realizada no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Dizendo ainda que o nobre está ligado ao Vodum Xapanã estabelecendo, com ele, hierarquia de adoração

Mãe Yolanda: Afirma que Rei Sebastião e Xapanã são a mesma coisa: voduns.

16º Mitema: Oposição Binária

Pai Tayandô: pobre x rico/ nobre x povo / terra (alto) x fundo/ velho x novo.

Pai Serginho: branco x preto/ grande x pequeno/ nobre (branco) x caboclo (mestiço)/ terra x fundo/ velho x novo.

Mãe Yolanda: velho x novo/ branco x preto

17º Mitema: Religião de Integração

Nas três narrativas a integração do homem com a natureza se dá através de um fenômeno que é muito próprio do imaginário amazônida: a metamorfose.

18º Mitema: Metamorfose

O fenômeno da metamorfose aparece com a possibilidade do homem virar bicho. A referência comum a todas as narrativas é a transformação do *medium* em touro no momento do transe. Pai Serginho faz ainda outra citação: em uma das histórias que conta sobre o rei Sebastião, descreve um navio todo iluminado repleto de passageiros que se atiram ao rio transformados, dentre outras coisas, em botos.

19º Mitema: Descrição do Sagrado Imanente

Pai Tayandô: Para esse religioso os lugares em si são sagrados, são espaços de morada do encantado, tanto que ele, por duas vezes, relata ter feito oferendas em lugares específicos: Sete Cidades e a pedra do rei Sabá em Pirabas.

Pai Serginho: Indica esse mitema quando diz que os encantados são forças, energias. Considerando que essa energia “possui” o religioso, numa experiência de transe, é possível deduzir que o ser humano tem acesso ao sagrado, não de forma transcendental, como o totalmente outro, mas de forma imanente, palpável, assimilável.

Mãe Yolanda: Também faz referência ao fato do rei morar na pedra que, segundo ela, fica na praia de Salinas.

Considerações Finais

A título de conclusão, gostaríamos de levantar uma outra discussão feita por Lévi-Strauss, desta vez no livro “Mito e Significado” (1978), quando flexibiliza as fronteiras entre mito e história, considerando o primeiro uma forma de história sem arquivo, sem documentos escritos, construído à partir da tradição oral e, por tal, passível de tantas variações.

Revisitando as narrativas sobre o que ele chama de “gênese da desordem”, coletadas junto aos chefes Whight e Haris, especificamente, habitantes das regiões do médio e superior rio Skeena, ele afirma:

Isso pode ser um fato histórico, mas se analisarmos mais de perto o modo como o fato é explicado, verifica-se que o tipo de acontecimento é o mesmo mas que diferem quanto aos pormenores (...). Temos uma célula explicativa onde a estrutura básica é a mesma mas o conteúdo da célula pode variar. É uma espécie de minimito (1978:60)

Posteriormente, ele questiona se os historiadores, ao fazerem a história dita científica, de fato o conseguem ou apenas constroem uma mitologia. A Ciência histórica pura, de fato, existe?

O autor parece responder negativamente uma vez que, para ele, os próprios historiadores têm formas diversas de enfrentar um mesmo fato. Variações estas que estão relacionadas a correntes de pensamento, a tradições intelectuais ou a alinhamentos políticos. A história que nossa sociedade produz, substitui o mito e desempenha o mesmo papel que ele. Considerando isto, podemos afirmar que a dicotomia hermética entre essas duas formas de falar do passado só existe em nossas cabeças.

Apesar de todas as semelhanças, não há como negar as divergências. E o autor afirma que a mais importante delas reside no fato de a mitologia ser estática. Ela se constrói, se transforma e se resignifica, sempre partindo dos mesmos pressupostos, das mesmas estruturas que são reagregáveis e combináveis das mais variadas maneiras. A história, por sua vez, é um sistema aberto.

Um dos grandes valores da teoria levistraussiana está na desconstrução da idéia de superioridade da ciência sobre o mito, da quebra da hierarquia e das cadeias evolutivas. E, partido deste pressuposto, terminaremos o texto nos questionando se não teria sido possível incluir a narrativa histórica que desenvolvemos no tópico “Notícias Históricas sobre o Rei Sebastião”, como mais uma das versões passíveis de análise estrutural.

Bibliografia

ANDRADE, Mário. **Macunaíma: Um Herói sem Nenhum Caráter**. Belo Horizonte: Villa Rica Editoras, 1992.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos: O Caráter Sobrenatural do Poder Régio na França e na Inglaterra**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. São Paulo: CIA das Letras, 1995.

CACCIATORE, Olga. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1936.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

FRAZER, James. **O Ramo de Ouro**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo e São Luís: EDUSP e FAPEMA, 1995.

_____. **Querebetan de Zomadonu**. São Luís: EDUFMA, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERMANN, Jacqueline. **O Reino do Desejado: A Construção do Sebastianismo em Portugal sec. XVI e XVII**. São Paulo: Cia das Letras: 1003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

_____. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

_____. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Nacional, 1976b.

_____. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.

- MALINOWSK, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa: Edições 70, 1984.
- MEYER, Marlyse. **Maria Padilha e toda a sua Quadrilha: de amante de um rei de Castela a Pomba Gira da Umbanda**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- PEREIRA DE QUEIRÓS, Maria Isaura. D. Sebastião no Brasil: O Imaginário em Movimentos Messiânicos Nacionais”. In: **Dossiê Canudos**. São Paulo: USP, Dez, Jan e Fev 94.
- PERROT, Michelhe. O Imaginário Social do Século XIX. In: **História e Imaginário**. (Org. J. Le Goff). São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- RAMOS, Arthur. **O Negro Brasileiro**. São Paulo: Nacional, 1951.
- _____. **As Culturas Negras no Novo Mundo**. São Paulo: Nacional, 1979.
- RIBEIRO, René. **Cultos Afro-Brasileiros do Recife**. Recife: IJNPS, 1978.
- RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1977.
- SARAIVA, José Hermano. **História Concisa de Portugal**. Lisboa: Publicação Europa América, 2001
- SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- VALENSI, Lucette. **As Fábulas da Memória: A Batalha de Alcacer Quibir e o Mito do Sebastianismo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.
- VERGOLINO E SILVA, Anaíza. A Semana Santa nos Terreiros: um Estudo do Sincretismo Religioso em Belém do Pará. In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, Nº 14, 1987.

Recebido em 30/09/ 2012

Aprovado para publicação em 15/12/2012